

animal
casey sherman

Tradução de Jorge Candeias



Para
a Bella e a Mia,
como sempre

BAIXAS DA GUERRA DA MÁFIA DE BOSTON

1961 - 1967

BERNIE MCLAUGHLIN Charlestown, Massachusetts (MA) (31 de outubro de 1961)

GEORGE JOINT Medford, MA (7 de julho de 1962)

WILLIAM SHERIDAN Roxbury, MA (15 de março de 1964)

FRANCIS BENJAMIN South Boston, MA (4 de maio de 1964)

RUSSELL C. NICHOLSON Wilmington, MA (12 de maio de 1964)

PAUL COLICI Quincy, MA (23 de julho de 1964)

VINCENT A. BISESI Quincy, MA (23 de julho de 1964)

WILFRED DELANEY Porto de Boston (20 de agosto de 1964)

HAROLD R. HANSON Porto de Boston (20 de agosto de 1964)

LEO J. LOWRY Pembroke, MA (3 de setembro de 1964)

RONALD DERMODY Watertown, MA (4 de setembro de 1964)

ROBERT CHARLBOIS Roxbury, MA (10 de outubro de 1964)

ANTHONY SACRAMONE Everett, MA (17 de outubro de 1964)

SRA. MARGARET SYLVESTER Boston, MA (10 de novembro de 1964)

WILLIAM J. TREAMNIE Boston, MA (13 de novembro de 1964)

EDWARD P. HUBER Hungham, MA (24 de novembro de 1964)

GEORGE O'BRIEN South Boston, MA (16 de dezembro de 1964)

GEORGE E. ASH South Boston, MA (28 de dezembro de 1964)

JOHN F. MURRAY Dorchester, MA (10 de janeiro de 1965)

ROBERT J. RASMUSSEN Wilmington, MA (15 de janeiro de 1965)

HENRY F. REDDINGTON Weymouth, MA (23 de janeiro de 1965)

JOSEPH FRANCIONE Revere, MA (26 de janeiro de 1965)

JOHN BARBIERI Rehoboth, MA (2 de março de 1965)

EDWARD «TEDDY» DEEGAN Chelsea, MA (12 de março de 1965)¹

PETER A. CASSETTA Maynard, MA (12 de abril de 1965)

WILLIAM FERGNANI Tynsboro, MA (20 de maio de 1965)

JOSEPH ROMEO MARTIN Revere, MA (9 de julho de 1965)

EDWARD I. CROWELL Burlington, MA (10 de julho de 1965)

¹ Memorando do FBI BS 92-563, enviado pelo AE Dennis Condon em 1967. (N. do A.)

WADY DAVID Boston, MA (21 de agosto de 1965)
EDWARD J. MCLAUGHLIN West Roxbury, MA (20 de outubro de 1965)
JAMES J. «BUDDY» MCLEAN Somerville, MA (29 de outubro de 1965)
RAYMOND DISTASIO Revere, MA (15 de novembro de 1965)
JOHN O'NEIL Revere, MA (15 de novembro de 1965)
ROBERT PALLADINO Boston, MA (15 de novembro de 1965)
DAVID SID LAUSHES Quincy, MA (25 de abril de 1966)
ANTHONY VERANIS Milton, MA (26 de abril de 1966)
CORNELIUS HUGHES Revere, MA (25 de maio de 1966)
ROCCO DISEGLIO Topsfiels, MA (16 de junho de 1966)
SEPHEN HUGHES Middleton, MA (23 de setembro de 1966)
SAMUEL LINDENBAUM Middleton, MA (23 de setembro de 1966)
JOHN W. JACKSON Boston, MA (28 de setembro de 1966)
ARTHUR C. BRATSOS Boston, MA (15 de novembro de 1966)
JOSEPH «CHICO» AMICO Revere, MA (17 de dezembro de 1966)
WILLIAM L. O'BRIEN Stoughton, MA (15 de janeiro de 1967)
ANDREW VON ETTER Medford, MA (2 de fevereiro de 1967)
JOHN LOCKE Revere, MA (19 de março de 1967)
JOSEPH LANSI Medford, MA (18 de abril de 1967)
RICHARD CAMMERATA Charlton, MA (26 de junho de 1967)
WILLIAM BENNETT Dorchester, MA (24 de dezembro de 1967)
J. RICHARD GRASSO Brookline, MA (31 de dezembro de 1967)

DESAPARECIDOS (PRESUMIVELMENTE MORTOS)

EDWARD «WIMPY» BENNETT

WALTER BENNETT

THOMAS SASSO

RUBEN NEEDEL

Joseph Barboza é o mais perigoso indivíduo conhecido.
DIRETOR DO FBI J. EDGAR HOOVER,
1965

PRÓLOGO

Se Joe Barboza se sentia deslocado, certamente não o mostrava. Era o mafioso português solitário a nadar com um cardume de tubarões sicilianos nas águas escuras e perigosas que eram o Ebb Tide Lounge. Afinal de contas, aquele era o poiso habitual deles, não o seu. O sonho de Barboza era tornar-se o primeiro não-italiano a ser iniciado em *La Cosa Nostra* mas, para os mafiosos ali reunidos, Barboza não era um deles e não o seria nunca. Chamavam-lhe «escarumba» por trás das costas, e para eles não passava de um instrumento tosco usado para apagar os inimigos.

Joe Barboza sabia precisamente quem era — o homem mais perigoso e mais mortífero da máfia² de Nova Inglaterra. Naquela noite prová-lo-ia àqueles homens ditos de respeito. Fats Domino acabara de concluir a segunda atuação da noite. Uma empregada estava a limpar o suor do grande homem do piano, enquanto Fats era levado para o primeiro andar, para um jogo de dados viciados. Pobre Fats — era um artista dos diabos, mas também era viciado no jogo. Tocava no Ebb Tide várias vezes por ano, ganhando doze mil dólares por semana. No entanto, na maior parte das vezes, Fats voltava à estrada devendo à casa mais dinheiro do que o que ganhara.

O bar estava agora relativamente calmo, só com uns quantos mafiosos aglomerados ao balcão, a discutir em surdina trabalhinhos passados e futuros. Joe Barboza estava sentado a uma mesa, com os ombros largos encostados a uma parede e os olhos postos na porta da frente. O Ebb Tide fora intencionalmente construído com uma entrada estreita, a fim de impedir homens armados de arremeter pela porta da frente em grande número e ao mesmo

² Na presente tradução optou-se por utilizar *Máfia* como tradução de *Mafia* e *máfia* como tradução de *mob*. (N. do T.)

tempo. Mesmo assim, Barboza tinha fartura de inimigos, e a única forma de permanecer vivo naquele jogo era planejar para o inesperado. Bebericava do seu copo de *Crown Royal* enquanto regalava um amigo com histórias sobre a sua breve mas colorida carreira como lutador profissional. A sua profunda voz de barítono elevava-se acima das outras conversas à sua volta, para grande aborrecimento de um respeitado mafioso.

«Eh, caludinha aí», gritou o *gangster* na direção de Joe.

Barboza prestou-lhe pouca atenção e continuou a falar, pelo que o mafioso repetiu a ordem.

Joe ergueu as grossas sobrancelhas e sorriu ao amigo, deslizando para fora da cadeira e encaminhando-se para o homem, que estava encostado ao balcão. Barboza atravessou o bar devagar, abrindo caminho pela multidão como uma lâmina afiada, fazendo uso dos ombros largos. Todos os olhos estavam agora postos nele. E ele saboreou a atenção. Era a mesma sensação que tivera sempre que entrara no ringue, com a diferença de que os espectadores daquela assistência eram todos como ele — homens perigosos. Aproximou-se do mafioso e fez-lhe um sorriso torto, seguido por um tabefe na cara. O som penetrante do impacto — carne em carne — ecoou pelo bar. O mafioso cambaleou para trás e tentou arranjar apoio para outro golpe. Barboza manteve os olhos escuros postos no *gangster*. «É a tua vez de jogar», resmungou.

O problema: o *gangster* não conseguiu jogar. Tinha as mãos a tremer, mas os braços permaneceram caídos como se ele estivesse paralisado. De súbito, um homem de constituição ligeira e com óculos abriu caminho até ao balcão. Usando um par de suspensórios pretos e meias brancas, Henry Tameleo tinha o aspeto dócil de um contabilista. Na realidade, era o subchefe da Máfia de Nova Inglaterra, ou «O Escritório», como era designada; tinha influência sobre tudo o que acontecia dentro do Ebb Tide Lounge. Tameleo era normalmente um mafioso de temperamento sereno. Os associados chamavam-lhe Árbitro, devido à sua capacidade para resolver disputas com calma. Naquela noite, o aspeto descontraído típico de Tameleo não estava visível. A indignação com o que acabara de ver viera a fervilhar até à superfície.

«Quero que nunca mais esbofeteies aquele homem!», gritou furiosamente Tameleo a Barboza. O subchefe indicou o Ebb Lounge com o dedo ossudo. «Este sítio é meu. Quero que nunca mais voltes a tocar com as mãos em alguém aqui. Estás a ouvir-me? Nunca mais ponhas as mãos em ninguém!»

Barboza não disse palavra. Em vez disso, acenou com a cabeça e voltou a atirar-se à cara da vítima — desta vez com a boca. Barboza arrancou com os dentes um bocado da bochecha do *gangster* e cuspiu-o para cima do balcão.

Um estupefacto Henry Tameleo viu horrorizado o mafioso ferido estatelar-se no chão.

Barboza sorriu ao subchefe enquanto um pequeno riacho de sangue lhe escorria dos lábios. Ergueu as palmas musculosas para Tameleo.

«Veja, Henry, eu não usei as mãos!»

Depois daquela noite, a lenda de Barboza começou a crescer. Ele instilava medo no coração da Máfia. Já não lhe chamavam escarumba. Joe Barboza tinha agora uma nova alcunha — o Animal. Esta história passou a fazer parte da mitologia do mundo do crime de Nova Inglaterra e não há dúvida de que terá sido embelezada com o passar do tempo. No submundo, cujos habitantes são todos assassinos e mentirosos natos, é frequentemente difícil definir a diferença entre mitologia e realidade.

Há muito que a cidade de Boston é conhecida como o núcleo central da corrupção no interior das fileiras do FBI. A relação estreita da agência com o chefe da máfia irlandesa James «Whitey» Bulger fez manchetes em todo o globo. Mas a história não começou aí. *Animal* é a história inacreditável mas verdadeira do acordo original do FBI com o Diabo. Em 1965, com uma das mais mortíferas guerras da máfia da história americana como pano de fundo, dois agentes do FBI sem escrúpulos fizeram um negócio faustiano com Joe «The Animal» Barboza. Foi um pacto que transformou o sistema de justiça na América. Eis a sua história.

1

*Oh, Sinnerman, where you gonna run to?*³

NINA SIMONE

ILHA THACHER SETEMBRO DE 1967

Joe Barboza achava difícil acreditar que a sua vida pudesse terminar ali — naquele lugar. O chefe da Máfia da Nova Inglaterra, Raymond L. S. Patriarca, conhecido simplesmente como o Homem — uma alcunha gerada pelo respeito que ele construía entre *gangsters* um pouco de toda a parte —, vinha apanhá-lo, e não desistiria da caçada até Barboza estar morto. Isso Joe sabia. Tendo em conta a vida que levava até àquele ponto, Barboza achava que mais cedo ou mais tarde soltaria o último suspiro nas ruas de East Boston, sentado ao balcão do cavernoso Ebb Tide Lounge ou em Revere Beach, ali perto, ou em qualquer outro dos numerosos locais onde assassinos da máfia como ele exerciam o seu ofício. Mas ali, naquela ilha esquecida por Deus? Era quase impossível de imaginar.

Barboza passara o último mês entocado na ilha Thacher, uma implacável pilha de pedras pontiagudas com vinte hectares, coberta por ervas marinhas e hera, cerca de quilómetro e meio ao largo da costa de Rockport, Massachusetts. A ilha, sob proteção permanente do U.S. Marshalls Service, estava repleta de ratazanas e de cobras que tinham sido criadas para afastar os intrusos. Os únicos intrusos até ao momento tinham sido as gaivotas que faziam rotineiramente voos picados para caçar a bicharada distraída sempre que esta saía das tocas que escavara na ilha. O profundo e vazio uivo de uma sirene de nevoeiro, que soava duas vezes a cada sessenta segundos, ressoava incessantemente na cabeça de Barboza. Os seus inimigos tinham jurado mandar Barboza para o Inferno, mas ele sentia que já lá se encontrava. A única consolação de Joe residia no companheirismo da mulher e da jovem filha; ambas tinham sido forçadas a esconder-se com ele, e os *marshalls* haviam jurado dar as próprias vidas para as protegerem.

³ «Oh, Sinnerman, para onde vais fugir?», in «Sinnerman». (N. do T.)

Seria a proteção deles suficiente? Era uma pergunta que Barboza fazia a si mesmo sem cessar. Nunca antes tivera de depender de nenhuma outra pessoa para garantir a sua segurança. O conceito era-lhe estranho. Sempre fora ele o predador, um animal a perseguir a presa. Mas agora a presa era ele — era ele a caça. Aos olhos de *La Cosa Nostra*, Joe Barboza transformara-se no homem mais procurado da América. Os seus segredos e, o que era mais importante, as suas mentiras tinham potencial para destruir a Máfia de Nova Inglaterra e causar danos a famílias do crime de costa a costa. Por este motivo, Joe Barboza tinha de ser morto. O governo dos Estados Unidos tinha tomado medidas extraordinárias para o manter em segurança. Mas uma coisa Joe Barboza sabia: se a Máfia te queria ver morto, tu estavas morto. A chave era atacar primeiro. Joe Barboza travara as suas próprias batalhas nas ruas com piscolas, espingardas, facas, picadores de gelo e as mãos nuas. Não que uma arma lhe fosse de alguma utilidade agora. Mesmo assim, uma ferramenta de matar nas suas mãos assassinas poderia levar a que se sentisse mais à vontade, e talvez ajudasse a afastar a tensão. A única coisa que Joe Barboza podia fazer agora era esconder-se. Nunca se escondera de nada na vida.

A localização secreta de Barboza fora revelada recentemente num artigo impresso num jornal de Boston sob a manchete de «Como esconder um canário de 115 quilos». O protetor de Barboza, o U.S. *marshal* John Partington, fora notificado de que depois de ler a peça Raymond Patriarca reunira um esquadrão de assassinos a fim de silenciar Joe de uma vez por todas. Patriarca chamara recentemente o associado da máfia Vincent Teresa ao seu quartel-general na Coin-O-Matic Vending Company, no número 168 da Avenida Atwell, no setor italiano de Federal Hill em Providence, Rhode Island. O sujo edifício verde-hortelã não parecia nada adequado para um rei da Máfia como Patriarca — e era precisamente assim que ele o queria. Como a maioria dos líderes mafiosos de sucesso, o Homem esforçava-se por cultivar um perfil discreto. A única sugestão do poder que existia no interior era a frota de *Cadillacs* polidos, estacionados junto ao passeio em frente das amplas e sujas janelas da Coin-o-Matic. Quando Teresa chegara, fora levado para uma sala das traseiras, onde o chefe emitiu o seu decreto de assassínio. «Vê se consegues apanhar o Barboza!»ⁱ

Teresa era uma escolha improvável para uma missão como aquela. Conhecido nos círculos da Máfia como «Fat Vinnie», Teresa era obeso, pesando bastante mais do que cento e quarenta quilos, com olhos pequenos e cabelo negro alisado para trás. Teresa era um vigarista e um ladrão. Era um homem de dinheiro, não um homem de gatilho. Teresa recebeu a missão porque

comprara recentemente um iate de treze metros a que chamara *The Living End*. Construída por artífices na prestigiosa Egg Harbor Yachts, localizada no Sul de New Jersey, a embarcação fora concebida com dois grandes camarotes de luxo, uma sumptuosa sala de estar e uma grande cozinha com um fogão de três bocas e lavatório de aço inoxidável. A embarcação até possuía âncoras cromadas. Teresa comprara o barco a fim de atrair otários com carteiras atulhadas de dinheiro para jogos de cartas aldrabados. Mais tarde, Vinnie viria a afirmar que o iate lhe dera lucros de cento e cinquenta mil dólares nos primeiros dois meses após a compra.

Agora, pela primeira vez, o *The Living End* estava a ser usado para pôr fim à vida de um homem.

A Maurice «Pro» Lerner a ordem foi dada simplesmente porque ele correspondia à alcunha. Fosse qual fosse o serviço, Lerner lidava com ele como um profissional. Lerner também era um condutor habilidoso. Meteu na mala o fato de mergulho, na esperança de se infiltrar na ilha à moda de James Bond e ter uma oportunidade de eliminar Barboza de perto e pessoalmente.

Os assassinos embarcaram no *The Living End* armados com espingardas, caçadeiras, binóculos e um telescópio. Depressa os motores do barco se puseram a rugir e a embarcação começou a cortar a água agitada e o denso nevoeiro, rumando à ilha Thacher. O perigoso mar que rodeia a ilha está repleto de esqueletos de navios que se foram afundando ao longo dos séculos. De facto, foi assim que a ilha obteve o nome. Em 1635, a ilha foi outorgada a Anthony Thacher, um inglês cujos quatro filhos se contaram entre os vinte e um passageiros mortos quando o navio *Watch and Wait* foi desfeito num temporal infernal, durante uma viagem entre Ipswich e Marblehead, onde o primo de Thacher, o reverendo Joseph Avery, iria ser ordenado pastor dessa aldeia piscatória. Os passageiros embarcaram em Ipswich a 11 de agosto de 1635, mas o primeiro sinal de problemas só apareceu três dias depois, quando ventos tempestuosos dilaceraram a calma da noite e rasgaram as velas do seu escaler — uma pequena embarcação de dois mastros aparelhada como uma escuna. Em vez de içarem novas velas, o capitão e a tripulação decidiram largar âncora e esperar a manhã. Isto viria a revelar-se um erro mortal.

Quando a aurora de 15 de agosto de 1635 chegou, a tripulação e os passageiros viram-se assolados por chuva torrencial, vento uivante e ondas gigantes. Thacher viria mais tarde a descrevê-la no seu diário como «uma tempestade poderosa como nunca se vira na Nova Inglaterra desde a chegada dos ingleses ou na memória de nenhum dos índios». Por fim, uma vaga

monstruosa atirou a pequena embarcação contra um grande rochedo; depressa foi seguida por uma vaga ainda maior que afogou as vítimas, incluindo dez crianças. Thacher e a mulher conseguiram arranjar forma de sobreviver, e foram dar à desolada ilha, seminus, gelados e quase mortos. Tropeçando pelos rochedos, semienlouquecido, Thacher teve a sorte de encontrar uma cabra afogada, pederneira, e um chifre de pólvora. Também encontrou um casaco que pertencera ao filho Peter, agora morto, com o qual ele e a mulher se mantiveram aquecidos. O corpo da filha mais velha do primo veio dar a terra e Thacher e a mulher enterraram os restos mortais da rapariga no promontório da ilha.

Thacher viria a culpar-se durante muito tempo pelas mortes dos filhos e parentes, e acreditava que Deus o havia punido e a Elizabeth com a sobrevivência. O Tribunal Geral ofereceu a Thacher a ilha como compensação pela sua enorme perda. O inglês naufragado chamou à ilha Thacher's Woe⁴. Embora Anthony e a mulher tivessem acabado por se mudar para o cabo Cod, a ilha permaneceria na posse da família Thacher durante oitenta anos, até ser comprada de volta pelo governo colonial a fim de nela construir instalações faroleras. Faróis gémeos, ambos com catorze metros de altura e feitos de pedra, foram construídos na ilha em 1771, fornecendo a muitos imigrantes europeus o seu primeiro vislumbre da América ao entrarem na baía de Massachusetts. Os faróis gémeos, separados por cerca de duzentos e setenta metros, estiveram de sentinela às águas agitadas ao largo do cabo Ann durante os cem anos seguintes, acabando por ganhar a alcunha de «Olhos de Ann». Em 1861, os faróis foram substituídos por torres ainda mais altas, que arranhavam o céu com os seus trinta e oito metros.

Joe Barboza chamava agora casa a um dos faróis gémeos. Joe e a família partilhavam dois pequenos quartos e duas pequenas casas de banho. O seu alojamento espartano estava gasto pelo tempo e meio arruinado. O local onde vivia John Partington era igualmente apertado e desolado. O *marshal* e os seus homens dormiam em beliches, três em cada quarto. O chuveiro funcionava a partir de um tanque que recolhia a água das chuvas das tempestades que eram tão frequentes na ilha.

A Guarda Costeira dos EUA obtivera a administração da ilha em 1948, mas abandonara-a alguns anos antes da chegada de Barboza. Não havia televisão, não havia telefone e não havia qualquer ligação ao mundo exterior. O mafioso queixava-se quase incessantemente do isolamento, e a mulher e a filha faziam o mesmo. Claire Barboza não tinha ninguém

⁴ Desgraça de Thacher. (N. do T.)

com quem falar, não tinha nenhum confidente. A pequena Stacy Barboza não tinha companheiros de brincadeira com quem pudesse ir explorar. A ilha Thacher fora o lar de muitas crianças ao longo dos anos: os filhos e as filhas dos faroleiros, que viviam no continente durante a semana para frequentar a escola. Os seus risos agudos tinham-se desvanecido no mar há muito tempo, substituídos pelos sons perturbadores das vagas a esmagarem-se contra as rochas, dos assobios do vento e da omnipresente buzina de nevoeiro. Joe e a mulher tinham de manter Stacy permanentemente debaixo de olho, com receio de que ela pudesse desaparecer no nevoeiro. Os vapores eram tão densos que uma vez a buzina de nevoeiro soara durante 211 horas consecutivas — o equivalente a 38.145 apitos. E o nevoeiro era apenas um dos muitos motivos de preocupação para pais que criavam ali uma filha pequena. A ilha também estava cheia de tocas de serpente e era rodeada por penhascos íngremes, onde uma criança facilmente poderia magoar-se ou até morrer.

John Partington acreditava que Barboza e a família estavam bem protegidos, mas também sabia que a ilha Thacher estava longe de ser uma fortaleza armada. O *marshal* tinha quatro postos de vigia na ilha: os delegados de Partington estavam estacionados no embarcadouro, ao longo do perímetro da ilha, em volta dos alojamentos da família Barboza e no topo de uma das torres dos faróis, que tinha vista para a ilha inteira e para as perigosas águas cheias de carneirinhos que a rodeavam.

Quando o *The Living End* entrou nas águas que rodeavam a ilha, Teresa pegou nos binóculos com os dedos rechonchudos e levou-os aos olhos inchados. Viu o topo de um farol na ilha Thacher. O farol fez-lhe lembrar uma vela no meio de uma bacia. Um dos delegados de Partington, empoleirado lá em cima, no topo do farol, localizou o barco no meio de um manto de denso nevoeiro cerca de uma milha ao largo. Partington sentiu, corretamente, que a embarcação não era um simples barco de recreio. Nenhum capitão de iate experiente se aventuraria a sair para o mar num dia como aquele. Felizmente, o *marshal* tinha um plano. Partington reuniu os seus doze delegados e alinhou-os plenamente à vista da embarcação que se aproximava. Não podiam de forma alguma permitir que o iate chegasse à ilha. Partington também recebera a dica de que os assassinos traziam a bordo setecentos quilos de dinamite, com a intenção de fazerem explodir tudo o que houvesse na ilha. Cada um dos delegados de Partington estava armado com uma carabina e tinha as suas próprias más intenções para quaisquer possíveis intrusos. Partington também fizera Barboza usar um uniforme de U.S. *marshal*, tentando assim confundir os assassinos.

Ver o pequeno exército em sentido na margem da ilha fez Vincent Teresa e Pro Lerner pensarem duas vezes. As águas agitadas também tornavam virtualmente impossível disparar um tiro como devia ser. As hipóteses de apanhar Barboza eram de um milhão para um. Depois de navegar várias vezes de um lado para o outro, o *The Living End* fez meia-volta e rumou de volta a Boston.

Ao olhar o barco, Barboza devia ter-se interrogado sobre se algum dos seus antigos amigos estava a bordo — amigos com quem extorquiria dinheiro, amigos com quem matara. Barboza pintara um alvo nas costas tanto de amigos quanto de inimigos. Agora era ele o alvo e só conseguia pensar em vingar-se.

2

*Pleased to meet you.
Hope you guessed my name⁵*
THE ROLLING STONES

IMPIEDADE, SUJIDADE E DEGRADAÇÃO

Segundo filho de pais luso-americanos de primeira geração, Joseph Barboza, Jr., nasceu a 20 de setembro de 1932 em New Bedford, Massachusetts, a histórica cidade baleeira apresentada aos leitores de todo o mundo por Herman Melville no seu épico romance *Moby Dick*. Pescadores portugueses, principalmente dos Açores, tinham vindo a imigrar em massa para New Bedford desde os inícios do século XIX, quando o porto era a base de 120 navios de vela quadrada que desembarcavam mais de quarenta mil barris de óleo de baleia por ano. Milhares de arpoeiros açorianos juntaram-se a tripulações baleeiras americanas em portos movimentados como Cais do Pico, conhecido pela sua fatura em baleias, e navegaram para a costa sul do Massachusetts na expectativa de obter melhores salários e uma vida melhor. Em 1857, New Bedford era a base de 326 navios-baleeiros, tornando a cidade a indisputada capital baleeira do mundo.

À época, a cidade produzia mais de metade do óleo de baleia trazido para portos americanos. O óleo de cachalote era ainda mais valioso do que o obtido a partir de outras baleias, porque ardia de forma mais limpa, iluminando a noite em milhões de casas por todo o mundo. Os baleeiros também colhiam barbas-de-baleia, uma substância retirada das bocas dos gigantes mamíferos; era usada para uma série de coisas, de chicotes de caleche e canas de pesca até espartilhos e armações para as saias das mulheres. A indústria baleeira na América do Norte dava lucros de mais de nove milhões de dólares por ano, e muita dessa riqueza era gerada por escunas que zarpavam de New Bedford. Mas com o crescimento do comércio chegou um aumento no crime. Em secções da cidade, em especial na zona em volta da Rua Howland,

⁵ «Prazer em conhecer / Espero que tenhas adivinhado o meu nome» in «Sympathy for the Devil». (N. do T.)

perto das docas, grassava o vandalismo. Segundo a colorida descrição de um escritor: «Pardieiros e casas de gim estavam em plena atividade e nas ruas acotovelavam-se marinheiros embriagados e mulheres desavergonhadas, enquanto o ar se enchia com os sons de gracejos obscenos e profanidades — a impiedade, a sujidade e a degradação a reinar supremas.»ⁱⁱ

Os meados do século XIX assistiram a um declínio constante da indústria baleeira em New Bedford. O rebentar da Guerra Civil levava para longe a maior parte dos marinheiros, e o mesmo fizera a Corrida ao Ouro da Califórnia e a descoberta de petróleo na Pensilvânia. Além disso, em 1849, Abraham Gesner, um geólogo canadiano, criara um método para destilar a querosene a partir do petróleo. Esta inovação viria a desencadear o fim da indústria baleeira na América. Em 1846 havia 726 navios na frota baleeira dos Estados Unidos. Esse número viria a reduzir-se a 39 apenas três décadas mais tarde. O golpe praticamente fatal na indústria baleeira, contudo, chegou em 1871, quando 33 navios-baleeiros na frota ártica se perderam depois de ficarem presos no gelo antes de conseguirem regressar a casa no fim da estação do verão. Cerca de 22 desses navios tinham zarpado de New Bedford. Em finais do século XIX, muitos daqueles que tinham acumulado fortunas em New Bedford com a caça à baleia tinham começado a utilizar os lucros para construir a grande indústria seguinte — os têxteis.

Mais uma vez, uma corrente de imigrantes portugueses ouviu o chamamento para ocupar postos de trabalho nas gigantescas fábricas de tijolo construídas ao longo da zona ribeirinha. Graças ao florescimento dos têxteis, New Bedford estava a crescer mais depressa do que qualquer outra cidade da Costa Leste. Este crescimento forçou os donos das fábricas e os planeadores urbanos a construir novos edifícios para alojar os trabalhadores e as respetivas famílias. As condições estavam longe de ser sanitárias. Chegavam a ser doze as famílias que viviam encavalitadas em edifícios mal construídos de estrutura de madeira, com dois e três andares, sem instalações para banho e só com uma retrete tapada por uma cortina, ao canto da sala. As famílias eram predominantemente portuguesas, embora também houvesse imigrantes vindos da Grécia, da Síria e da Polónia. Não eram só os homens que eram postos a trabalhar nas fábricas durante longas e penosas horas; mulheres e crianças também eram forçadas a suar onze horas por dia e seis dias por semana em troca de magros salários. Havia poucas oportunidades para subir na vida para os imigrantes portugueses que tinham chegado à América com habilidades limitadas e praticamente desprovidos de qualquer domínio da língua inglesa. Os edifícios em que viviam eram terreno fértil para doenças mortíferas como a cólera e a varíola. Quase metade

das portuguesas grávidas continuava a trabalhar nas fábricas e a sua taxa de mortalidade infantil era o dobro da média nacional.ⁱⁱⁱ Os homens procuravam frequentemente refúgio das pressões familiares numa dúzia de *saloons*, como o Denny Shay's Barroom na esquina da Rua Elm com a Avenida Acushet, onde se servia qualquer pessoa independentemente da cor, do credo ou da raça, e com frequência se serviam também os seus cavalos.

As condições dos trabalhadores melhoraram durante algum tempo no início da década de 1920, quando na cidade operavam setenta fábricas, empregando mais de 41.000 dos 120.000 residentes de New Bedford. Nove em cada dez empregos nas fábricas eram de imigrantes. Muitos até viram os salários triplicar no auge do florescimento da indústria. Contudo, a prosperidade foi breve. Os salários elevados dos executivos das fábricas e a sobreprodução combinaram-se para gerar uma grande queda nas receitas. Mas os dirigentes das fábricas nunca sequer consideraram apertar os próprios cintos; em vez disso, as perdas foram transmitidas aos trabalhadores, que receberam ordens de aceitar um corte de dez por cento nos salários. Trabalhadores têxteis indignados saíram às ruas após saberem da decisão, e pouco depois nasceu uma greve. Cerca de vinte mil trabalhadores têxteis, muitos dos quais portugueses, saíram das fábricas e dos empregos durante seis meses. A polícia de New Bedford fez mais de duas mil detenções durante a greve. Um dos líderes da greve, Augusto Pinto, foi preso vinte e duas vezes nos piquetes e mais tarde foi deportado para Portugal. O governo fascista do país enviou Pinto para uma prisão em Cabo Verde, e ele morreu na viagem sob circunstâncias misteriosas. Os trabalhadores têxteis de New Bedford acabaram por regressar às fábricas com um acordo que afirmava que viriam a sofrer um corte nos salários de cinco por cento, não a redução original de dez por cento. O acordo teve o efeito de pôr um penso rápido num ferimento de bala. Os danos já tinham sido feitos e eram irreversíveis. Vários empresários deslocaram as suas empresas têxteis para fora de New Bedford e rumaram a sul; os que ficaram não permaneceriam muito mais tempo na cidade.

Em finais de outubro de 1929, um ano após a greve dos têxteis de New Bedford, o mercado de valores americano sofreu perdas catastróficas, mergulhando os Estados Unidos e o resto do mundo na Grande Depressão. Cidades industriais como New Bedford foram dizimadas. Dois terços das fábricas que restavam na cidade fecharam por completo. O presidente de um sindicato têxtil resumiu o desespero económico desta forma: «Lowell, Lawrence, New Bedford, Maynard e Fall River... e a maior parte das cidades fabris do vale de Blackstone... são lugares tristes.»^{iv} Um trabalhador fabril desempregado descreveu como comia verduras de dente-de-leão e vasculhava baldes do lixo

para encher o estômago. Esta história não era diferente das de milhões de pessoas em todo o país, cujas batalhas quotidianas para afastar a fome e a doença eram lutas de vida ou morte. Foi este o mundo em que Joe Barboza nasceu.

O pai, Joseph Sr., era leiteiro e pugilista a tempo parcial que combatia sob o nome de Jackie Wolgast. A mãe, Palmeda Camille Barboza, trabalhava numa cantina hospitalar e ocasionalmente arranjava trabalho como costureira. Juntos, viviam num decrepito edifício de três andares na Rua Short, que ficava entre as ruas Allen e Grape e diretamente em frente do hospital onde Palmeda trabalhava.

Joe tinha um irmão, Donald, que era quatro anos mais velho. O irmão mais novo, Anthony, e uma irmã, Anne, chegariam quase vinte anos mais tarde. As sombrias realidades económicas e o olhar móvel de Joseph Sr. deixaram desde o início o ar na casa Barboza denso de tensão. Os pais de Joe Barboza casaram-se em 1927 e a relação parecera condenada à partida. O Barboza sénior era um homem bem-parecido e bem constituído, com um temperamento que explodia rapidamente e um pendor para a violência que exhibia tanto dentro do ringue como fora dele. Pesando oitenta quilos, Joe Sr. ganhou nome a combater como meio-pesado em *saloons* e em feiras no Sueste do Massachusetts, em Martha's Vineyard e em Providence. Também dava sovas regulares à mulher e aos filhos e desaparecia durante semanas de cada vez, deitando-se com amantes espalhadas pela cidade. Joe Sr. teve dois filhos fora do casamento. Não prestava praticamente nenhum apoio financeiro à família e, nas raras ocasiões em que Joe Sr. dava por si em casa, ameaçava a mulher e os filhos com um ar de sadismo e brutalidade. Durante um ataque de fúria, Joe Sr. partiu os dentes da frente da mulher enquanto ela estava deitada na cama com um Joe bebé nos braços. Palmeda estava abraçada ao bebé e a chorar baixinho quando Joe Sr. entrara de rompante no quarto.

«Por que raio estás tu a chorar?», perguntara, com veneno na voz.^v

Palmeda não respondera.

«Eu dou-te motivo para chorares», gritara Joe Sr. enquanto saltava em frente e esmurrava a mulher, atirando-lhe a cabeça contra a cabeceira da cama. Palmeda agarrara-se ao bebé enquanto os dentes voavam para lados opostos do pequeno quarto e a boca se lhe enchia de sangue.

Na manhã seguinte, o jovem Donald introduzira-se no quarto da mãe, vira a sua cara maltratada e desatara a chorar.

«Que te aconteceu?», perguntara, enquanto lágrimas lhe escorriam pela cara abaixo.

«O teu pai estava a cortar lenha lá em baixo na cave e um dos lenhos saltou e acertou-me por acidente», mentira ela.

Já era bastante difícil mentir ao filho, mas Palmada sabia que enganar-se a si mesma era impossível. A pressão constante e a tristeza que rodeava a relação levaram Palmada Barboza a tentar o suicídio. Um dia, Joe e Donald chegaram da rua, onde tinham estado a brincar nas vizinhanças, e quando entraram no apartamento depararam com o cheiro pungente do gás. Foram dar com a mãe desmaiada no chão e os bicos de gás abertos. «A casa em que vivíamos era mais mágoa do que felicidade»,^{vi} veio Joe a escrever mais tarde na sua autobiografia, *Barboza*, publicada em 1975. «Estávamos constantemente dependentes da assistência social. A minha mãe amava muito o meu pai, apesar das infidelidades dele, e lutava contra a solidão mantendo o meu irmão e eu perto dela. Mas nós portávamo-nos mal.»

Como o pai, o jovem Joe mostrara desde tenra idade afinidade por sexo e violência. A família mudara-se para a Rua First, na parte sul de New Bedford, onde ele se metia frequentemente em escaramuças com outros rapazes. O jovem Joe não era uma criança de aspeto normal. Com uma cabeça grande, braços compridos e pernas curtas, era constantemente gozado pela aparência «amacacada». No entanto, era sempre rápido na resposta e mais rápido ainda com os punhos. Imitando o estilo de combate do pai, Joe encostava o queixo pesado ao peito e deixava os braços compridos e poderosos fazer a maior parte do trabalho. O jovem Joe depressa ganhou a reputação de ser um rapaz que era melhor não provocar. E também compreendeu cedo as atrações do sexo oposto. Durante um baile de Halloween em que participou, em criança, Joe abordou uma rapariga atraente da vizinhança, que se tinha vestido como uma princesa polinésia, com saia de ervas e sutiã de cocos. Em vez de pedir à rapariga para dançar, Joe agarrou nas cascas de coco e virou-as ao contrário, expondo a pobre rapariga ao público. Ouvindo os gritos dela, os irmãos da rapariga perseguiram Joe para fora do baile. Outros depressa se juntaram à perseguição, enquanto o jovem Joe fugia pela cidade na direção da zona costeira, onde conseguiu arranjar forma de escapar à turba furiosa. Joe mais tarde brincou, dizendo que se sentira como Quasimodo a fugir aos soldados sedentos de sangue de Luís XI, no *Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo.

Esses momentos de excitação forneciam a Joe uma fuga breve mas bem-vinda à vida doméstica, onde sentia que era a isca que Palmada, a mãe, usava de vez em quando para atrair até casa o teimoso marido. Uma vez, Palmada enviou o rapaz a casa da amante do pai enquanto esperava na rua em baixo. O jovem Joe foi encontrar o pai a descansar no pátio com a namorada, uma portuguesa chamada Cecília. «Disse-lhe (a Joe Sr.) que queria falar com ele», recordou Barboza nas suas memórias.^{vii} «Ele olhou para mim com ira

nos olhos e disse: sai daqui, sacaninha dum raio. Eu dei meia-volta e corri rua abaixo. Não conseguia parar de chorar.»

Mais tarde, sentindo uma pontada de remorso, Joe Sr. comprou ao filho um pombo para fazer as pazes. A oferta não extinguiu a raiva ardente que ia aumentando no filho contra o pai. «O filho da mãe partiu-me o coração», viria Joe a dizer anos mais tarde.

Para evitar ficar enredado no drama quotidiano do turbulento casamento dos pais, o jovem Joe começou a passar menos tempo em casa e mais tempo nas ruas. O seu pequeno grupo de amigos compunha-se principalmente de filhos de pescadores portugueses, cuja roupa e pele mostravam as manchas e os cheiros de dias e semanas passados no mar. A vida de um pescador português em New Bedford na década de 1930 pouco melhor era do que tinha sido em meados do século XIX. A pesca era trabalho para homens duros com poucas perspectivas de vida, e Joe compreendeu cedo que não queria ter nada que ver com ela. O estilo de vida austero de um pescador pouco apelo tinha para Joe Barboza. Em vez disso, ele sentia-se atraído pelo mundo dos *gangsters*. Na qualidade de filho da Grande Depressão, o jovem Joe cresceu numa era em que o *gangster* americano era frequentemente mais aclamado do que desprezado. Foi esse o tempo de John Dillinger, Pretty Boy Floyd e Al Capone. A fama deles, ou, mais precisamente, a sua infâmia, rivalizava com a das maiores estrelas do desporto e do espetáculo. É possível imaginar Joe e o seu grupo de jovens amigos a enfiarem-se à socapa no State Theater, na Rua Purchase, para assistirem a uma matiné de filmes de *gangsters* como *O Último Refúgio* (*High Sierra*) de Humphrey Bogart ou *À Espera da Morte* (*Each Dawn I Die*) de James Cagney. O jovem Joe estava fascinado pela maneira como aqueles rufias do grande ecrã se comportavam.

No entanto, Barboza não precisava de se sentar num cinema escurecido para ser exposto ao estilo de vida dos *gangsters*. Para isso, bastava-lhe dar um passeio pela sua cidade problemática. Os navios-baleeiros podiam ter desaparecido há muito, mas ainda era possível encontrar fartura de impiedade, sujidade e degradação em New Bedford. A cidade certamente possuía o seu quinhão de criminosos endurecidos, sendo os mais notórios os membros do Bando Morelli. Liderado por Frank «Butsey» Morelli, o bando incluía os seus quatro irmãos. Nativos de Brooklyn, Nova Iorque, os irmãos Morelli tinham-se mudado para a Nova Inglaterra durante a I Guerra Mundial. Com membros que respondiam por alcunhas coloridas como Gyp the Blood ou Steve the Pole, o Bando Morelli percorria New Bedford, Providence, Rhode Island, e partes do Connecticut a assaltar vagões de carga carregados de têxteis e sapatos. O bando viria mais tarde a ser suspeito no caso de Sacco e

Vanzetti, um dos casos mais famosos na história da América. Ferdinando Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti tinham sido acusados do assalto e assassinio de um tesoureiro e do seu guarda a 15 de abril de 1920 em South Braintree, Massachusetts. Os assaltantes emboscaram o par em plena luz do dia enquanto percorriam a Rua Pearl, dirigindo-se para a Slater and Morrill Shoe Company com duas caixas de metal que continham 15.776,73 dólares. O tesoureiro, Frank Parmenter, foi alvejado várias vezes. O guarda, Alessandro Berardelli, foi abatido a tiro enquanto tentava fugir da cena do crime. Os assassinos fugiram num *Buick* descapotável, a disparar à toa contra os edifícios das redondezas a fim de tentarem manter potenciais testemunhas no interior.

Três semanas mais tarde, Sacco e Vanzetti, ambos imigrantes italianos e anarquistas confessos, foram presos depois de aparecerem numa garagem em Brockton, Massachusetts, para recuperar o carro que os investigadores julgavam ter sido usado no assalto. Apesar de nenhum dos homens ter cadastro e de os procuradores não disporem de praticamente nenhuma prova contra eles, os homens foram rapidamente acusados e postos em tribunal pelos assassinios. A detenção acendeu um rastilho que viria a incendiar violentos protestos em volta do mundo. Anarquistas enviaram bombas para embaixadas dos EUA por todo o globo. A maior parte foi desarmada, mas uma bomba enviada ao embaixador americano em Paris explodiu, ferindo o criado de quarto do embaixador. Quando o julgamento começou no Tribunal do Condado de Norfolk em Dedham, Massachusetts, as autoridades fortificaram a sala de audiências com portas deslizantes de aço e persianas de ferro forjado para evitar que um possível ataque à bomba provocasse danos. Sacco e Vanzetti foram declarados culpados de assassinio e sentenciados à morte na cadeira elétrica.

Depois do julgamento, um imigrante português chamado Celestino Madeiros fez uma confissão surpreendente na prisão de Dedham, onde estava preso juntamente com Nicola Sacco. Madeiros, um assassino condenado e membro do Bando Morelli, passou a Sacco uma nota em que afirmava ter estado envolvido no mortífero assalto. A polícia de New Bedford, que tinha uma longa história com o Bando Morelli, suspeitava do seu envolvimento nos assassinios ocorridos oitenta quilómetros a norte. Tinham-se apresentado também mais de duas dúzias de testemunhas, e muitas delas haviam feito descrições dos assaltantes que em geral correspondiam a membros do Bando Morelli. Apesar da confissão de Madeiros, e apesar de um apoio ardente por parte de um grupo de notáveis que incluía Albert Einstein, George Bernard Shaw e Dorothy Parker, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram executados a 23 de agosto de 1927. Nicola Sacco manteve-se desafiador até ao fim. Enquanto estava a ser preso à cadeira elétrica, gritou: *Vive l'anarchia!* Mais

contido, Bartolomeo Vanzetti murmurou sob o espesso bigode que perdoava àqueles que se preparavam para o matar. O membro do Bando Morelli Celestino Madeiros foi enviado nesse mesmo dia para a cadeira elétrica por um homicídio não relacionado com o caso. A sua execução tinha sido adiada para a possibilidade de o seu testemunho ser necessário numa repetição do julgamento de Sacco e Vanzetti. Nas suas memórias publicadas em 1973, *My Life in the Mafia*, Vincent Teresa afirmou que uma vez discutira o caso com Butsey Morelli, décadas após o crime. Morelli disse a Teresa: «Fomos nós que lhes limpámos o sebo. Fomos nós que matámos aqueles dois tipos (Parmenter e Berardelli). Aqueles dois sebentos (Sacco & Vanzetti) apanharam por tabela. Meteram-se no nosso caminho, portanto passámos-lhes por cima.»^{viii} Décadas mais tarde, um caso semelhante viria a desenrolar-se num tribunal do Massachusetts, com Joseph Barboza a desempenhar o papel principal.

Os alicerces da carreira criminal de Barboza foram construídos nas ruas de New Bedford onde Joe, acabado de chegar à adolescência, reuniu um pequeno grupo de bandidos errantes e, no espírito de *Oliver Twist*, corria pela cidade roubando armazéns para ir vender os produtos dos roubos. No início, Barboza e o seu jovem bando limitavam-se a ganhar coragem para entrar numa loja, tendo como alvo qualquer coisa pequena e valiosa, como um relógio ou uma joia. Depois, enfiavam o objeto no bolso de um casaco, escapuliam-se para fora da loja e fugiam. A seu tempo, no entanto, o bando aprendeu a arrombar fechaduras e a funcionar como criminosos mais experientes — à noite. Joe acreditava que esses assaltos noturnos reduziam o risco de ser apanhado. Enganava-se. Com a tenra idade de treze anos, Joe Barboza deu por si pela primeira vez atrás das grades. A acusação foi de roubo com arrombamento. Pouco depois, foi enviado para a Escola Lyman para Rapazes, um conhecido reformatório situado cerca de cento e cinquenta quilómetros a noroeste de New Bedford, na pequena vila agrícola de Westborough, Massachusetts. Fundada em 1886, a Escola Lyman fora construída no terreno do Reformatório Estadual, o mais antigo reformatório dos Estados Unidos. A Escola Lyman estava espalhada por quatrocentos hectares, metade dos quais eram ocupados por férteis terras de cultivo trabalhadas pelos jovens prisioneiros, ou estudantes, como lhes chamavam. A escola teve o seu quinhão de estudantes famosos, incluindo Albert DeSalvo, o qual viria um dia a confessar ser o Estrangulador de Boston, e mais tarde a retirar a confissão.

Para Barboza, aquela fora a primeira vez que viajara mais de dez quilómetros para longe de casa. Desapareceram as vistas e os sons familiares do seu bairro de New Bedford. Desapareceram os aromas familiares dos pratos étnicos portugueses de Palmeda, que se espalhavam pelo apartamento vindos

da minúscula cozinha. As ruas atulhadas e os cheiros exóticos a que estava habituado tinham agora sido substituídos por hectares e hectares de colinas cultivadas. Para Barboza, aquilo assemelhava-se tanto a casa como as crateras da Lua. Muitos dos estudantes eram iguais a ele, miúdos que tinham cometido pequenos delitos e não crimes violentos. Alguns tinham sido enviados para Lyman por fazerem gazeta na escola, ou até pela impensável audácia de serem «crianças desobedientes».

O jovem Joe e os outros rapazes estavam alojados em casas de campo com nomes agradáveis, como Pôr do Sol, Vertente da Colina, Wachusett⁶, Ulmeiros e Carvalho. Vista de fora, Lyman não parecia ser diferente de uma escola preparatória que poderia servir as necessidades dos filhos de sangue azul dos mestres da indústria. O interior, no entanto, contava uma história diferente. Às crianças era dada uma educação estritamente religiosa e era-lhes ensinado um ofício, como carpintaria, alvenaria ou canalização. Esses ditos benefícios eram ensombrados pela dura doutrina disciplinar da instituição. Com extrema obstinação, eram aplicadas sovas diárias pelos chefes de alojamento, os quais brandiam armas variadas, incluindo cintos ou até cabos de picador. As crianças que cometessem infrações, mesmo que menores, eram levadas para a Casa Carvalho (o alojamento disciplinar) e sujeitas a brutais «ajustes de atitude». Barboza levou incontáveis sovas, incluindo uma punição particularmente violenta chamada «pé quente», na qual um chefe de alojamento dava pancadas repetidas no arco do pé nu de uma criança.

Não havia muros nem vedações eletrificadas para manter os prisioneiros dentro do reformatório. Era o medo das represálias que dava suficiente incentivo aos potenciais fugitivos para permanecerem onde estavam. Nunca mais ninguém falava e nunca mais ninguém via os estudantes que conseguiam escapar. Espalhavam-se boatos entre as crianças, talvez mesmo encorajados pelos adultos, de que os fugitivos eram mortos e os seus corpos eram enterados nas águas negras de um pântano próximo. Por mais assustadores que fossem esses boatos, não eram suficientemente maus para dissuadir Barboza de fugir. Um dia limitou-se a ir-se embora das instalações e passou duas semanas fugido. Os pais foram atormentados diariamente pelos agentes da polícia de New Bedford, que eram unânimes a acreditar que estavam a reter informação sobre o paradeiro do rapaz. Na realidade, o breve período passado por Barboza como adolescente fugitivo foi tão misterioso para a família como para a polícia. Uma noite, o jovem Joe apareceu no apartamento dos pais com

⁶ Wachusett é o nome de um monte situado algumas dezenas de quilómetros para noroeste, hoje reserva natural. (N. do T.)

um grande sorriso e um boné com a pala virada para cima. Quando a mãe lhe perguntou onde estivera durante as últimas duas semanas, Joe explicou que tinha arranjado trabalho a vender legumes numa carroça na rua. Os pais não chamaram imediatamente a polícia, como tinham sido instruídos a fazer; em vez disso, levaram pessoalmente Joe de volta à Escola Lyman no dia seguinte. Joe Sr. e Palmeda voltaram a entregar Joe aos administradores da escola, com a promessa de que ele não voltaria a fugir. Enquanto os pais entravam no carro para a longa viagem até casa, Joe foi levado para a Casa Carvalho para mais um «ajustamento de atitude».

Odiando — mas também desejando imitar — o pai, o jovem Joe dedicou-se ao desporto do boxe enquanto era estudante em Lyman. A aptidão de Joe no ringue espantou e aborreceu os professores, que não o tinham perdoado pela fuga. O treinador de boxe da escola pôs Joe no ringue com um estudante mais velho, tencionando dar uma lição dolorosa ao jovem rufião de New Bedford. Joe atacou ferozmente o oponente desde a campanha inicial, atingindo-o com uma série de violentos socos. O rapaz estatelou-se no chão do ginásio, a encolher-se de dor e a admitir a derrota. Joe desatou as luvas e foi ter com o treinador de boxe com um sorriso aberto na cara comprida. O frustrado treinador seguiu Barboza para o balneário e atacou-o enquanto ele desatava os sapatos. O treinador lançou um poderoso *uppercut* que atingiu o queixo do rapaz. O jovem Joe levou uma séria tarefa naquele dia e mais tarde conseguiu arranjar forma de informar a família do facto. Um enfurecido Joe Sr. conduziu até à Escola Lyman e desafiou o treinador e outros administradores da escola para uma luta. Foi a única vez que o jovem Joe se sentiu orgulhoso de ser filho do seu pai.

Barboza não foi apenas forçado a resistir a professores sádicos, também teve de se defender dos outros jovens prisioneiros. O jovem Joe era constantemente alvo da troça dos rapazes mais velhos por causa da grande cabeça, dos braços compridos e pernas curtas. A informação sobre a perícia mostrada por Joe a lutar nas ruas de New Bedford não viajara com ele para a Escola Lyman. Os seus jovens atormentadores teriam de aprender da maneira mais difícil, tanto no ringue quanto no dormitório. Quando não estavam sob os olhos vigilantes dos chefes de alojamento, as crianças exerciam as suas próprias justças e injustças umas contra as outras, numa luta pelo poder que fazia lembrar *O Senhor das Moscas*. Na Escola Lyman, um rapaz ou era predador ou presa. As crianças mais fracas eram espancadas e sujeitas a abusos por parte dos estudantes mais fortes que, no dealbar da sexualidade, olhavam para tudo com intenções carnis e uma fervilhante fúria. O jovem Joe adotou cedo o papel de predador. Apesar do

encarceramento, fora-lhe concedida uma liberdade que nunca antes experimentara. Já não amarrado à mãe nem manipulado por ela para manter o Barboza mais velho na linha, a única responsabilidade de Joe era para com ele mesmo. Mais uma vez, Joe encostava o queixo ao peito e avançava ao murro. A única forma de se tornar rei da sua selva adolescente era lutar por isso — e foi o que ele fez. Mais tarde viria a afirmar ter estado envolvido em mais de trezentas rixas durante as três penas cumpridas em Lyman, e gabou-se de as ter vencido a todas.

O objetivo da escola podia ser reformar crianças mal orientadas, mas infelizmente tinha o efeito oposto na maioria. Os miúdos saíam de Lyman mais duros, mais perigosos do que tinham entrado. Um exemplo clássico foi o caso de Jesse Pomeroy, que viria a transformar-se na mais jovem pessoa de sempre a ser condenada por homicídio de primeiro grau na Commonwealth do Massachusetts. Jesse fora enviado para a escola reformatória estadual em Westborough em finais do século XIX, depois de ter sido preso e condenado por torturar rapazes pequenos no seu bairro de South Boston. Pomeroy despia as jovens vítimas, amarrava-as a um poste e chicoteava-as com uma corda grossa enquanto lhes ordenava que recitassem uma versão obscena do pai-nosso. Depois mutilava as caras das vítimas com um canivete. Como Joe Barboza, Jesse Pomeroy tinha um aspeto diferente do dos outros rapazes da sua idade. Tinha uma cabeça grande, uma constituição pesada e um olho direito leitoso. Pomeroy cegara parcialmente depois de receber em bebé uma vacina contra a varíola. Sabia-se que Jesse espetara agulhas nos olhos das suas vítimas como retribuição contra o Deus que o atormentara com a sua deformidade óbvia.

O primeiro reinado de terror de Jesse Pomeroy foi breve, uma vez que o seu olho leitoso, ou «de mármore», como foi descrito, era uma marca facilmente identificável e foi usada pela polícia para o encontrar. Como Barboza, Pomeroy também foi enviado para o reformatório aos treze anos. Mas ao contrário do jovem Joe, Jesse mostrou-se bom aluno e um prisioneiro modelo. O próprio Pomeroy nunca quebrou as regras da escola nem agiu de forma a merecer uma sova dada pelos dirigentes da instituição. A maior parte das crianças mantinha-se bem longe das salas disciplinares enquanto os colegas estavam a ser castigados, mas Jesse não. Era atraído pelos gritos das vítimas de espancamento e mais tarde pedia-lhes para lhe descreverem em vívidos detalhes como tinham sido flageladas. Jesse sempre sentira fascínio pela tortura de inocentes. Torcera os pescoços a aves em criança e mais tarde passara a atacar rapazes pequenos. Através das conversas com aquelas jovens vítimas de espancamento no reformatório em Westborough, Jesse aprendera novos métodos com os quais exercer o seu diabólico ofício.

Jesse Pomeroy tinha cumprido dezasseis meses e ainda lhe restavam dois anos de pena quando foi libertado do reformatório estadual por bom comportamento. Menos de dois meses após a libertação, o rapaz (agora com catorze anos) estava de volta a South Boston, a trabalhar na loja da mãe, quando uma rapariga de dez anos com uma saia plissada entrou e lhe perguntou se podia comprar um bloco de notas para a escola. O rapaz de olho leitoso convidou a rapariga a descer à cave da loja, onde lhe disse que ainda tinha um bloco de notas mas com uma capa que tinha sido manchada com tinta. A rapariga ofereceu-se para o comprar por dois cêntimos a menos que o preço de retalho e foi-lhe indicada a porta da cave. Jesse abriu a porta e seguiu-a pela escada abaixo. Momentos mais tarde, pôs-lhe o braço em volta do pescoço, puxou de uma faca e cortou-lhe a garganta. Depois, arrastou o corpo de Katie Curran para trás de uma casa de banho e enfiou-o numa pilha de lixo. Algumas semanas mais tarde, Jesse atraiu Horace Millen, de quatro anos, até à extremidade do Porto de Boston para ver um novo vapor. Com a mesma faca que usara para matar Katie Curran, Pomeroy cortou a garganta do rapaz e depois tentou castrá-lo. O corpo do pequeno foi descoberto pouco mais tarde por dois rapazes que estavam a brincar na praia. Além de ter apunhalado Horace Millen duas dúzias de vezes, o assassino também perfurara o globo ocular do rapaz.

Jesse Pomeroy foi o principal suspeito desde as fases iniciais da investigação, e mais tarde admitiu o homicídio do rapaz juntamente com o assassinio de Katie Curran. Apelidado de «Rapaz Diabo» pela imprensa, foi acusado e condenado por homicídio em primeiro grau e sentenciado à morte. No entanto, por só ter catorze anos, a sentença foi comutada para uma vida atrás das grades em confinamento solitário. É certo que a cultura violenta do reformatório estadual não pode ser culpada pela onda de assassinios de Jesse Pomeroy, mas pode ter acelerado o seu comportamento homicida. O mesmo pode ser dito sobre Joe Barboza. Ele chegou à Escola Lyman como um miúdo perturbado e partiu com uma nova fome de violência e, a seu tempo, de assassinio.

O jovem Joe estava no fio da navalha quando foi libertado da Escola Lyman e mandado de volta para as ruas de New Bedford. Andava à procura de novas maneiras de pôr dinheiro nos bolsos vazios. Ainda tinha pouco apoio em casa, apesar dos esforços da mãe. Ela alimentava Joe e o irmão, Donald, com restos que trazia para casa da cantina do hospital. A sombria situação financeira forçou Donald a desistir da escola aos dezasseis anos, numa tentativa de ajudar a família. Arranjou trabalho como aprendiz de soldador num estaleiro de Providence. Donald entregava todas as semanas uma parte do salário

ao pai, julgando que o Barboza mais velho usaria o dinheiro para suportar a família. Anos mais tarde, Donald Barboza viria a descobrir que Joe Sr. metera o dinheiro ao bolso.

O jovem Joe não cometeria o erro do irmão mais velho. Não tinha a menor intenção de passar longas horas debruçado sobre um maçarico quente num estaleiro qualquer — e qualquer dinheiro que ganhasse ia ficar com ele. De acordo com o *Boston Herald Traveler*, Barboza e o seu bando assaltaram dezasseis casas na zona de New Bedford em apenas um par de dias, roubando dinheiro, relógios, bebidas alcoólicas e armas. O dinheiro fácil não era a única motivação de Joe. Por vezes, ele era inspirado pelo simples ato da vingança. Quando um professor de trabalhos manuais o insultou pela falta de conhecimentos no trabalho de madeira na escola vocacional que ele frequentava, Joe arrombou a casa do homem e entregou-se à destruição. Lâmpadas foram derrubadas, fotografias foram partidas, e não foi tudo. Quando a polícia falou com a imprensa depois do incidente, disse que os ladrões tinham deixado uma tarte de creme a escorrer da parede. É claro que a imprensa pegou neste detalhe noticioso único e alcunhou o bando como «Bandidos da Tarte de Creme». A versão verdadeira do assalto era demasiado nojenta até para ser revelada por investigadores endurecidos. O que pingava da parede não tinha nada que ver com o creme de uma tarte. Barboza defecara no chão e espalhara um pouco de excremento por todas as paredes da casa.